

AMORA

1-5-918

ONOSSO APPARECIMENTO

De pequeno formato e pouco ta-
lento, aqui estamos, promptosa-
mente a obedecer e satisfazer as idéas de nos-
sos collaboradores, si bem sejam
boirosos.

Que nos importa os faladores e igno-
rantes que tentam nos esmagar?

Que nos importa os seus dizeres
sem cabimento e as suas igno-
rancias? Si, como o Normalis-

ta, fomos variados, nenhuma
importancia ligamos, porque
naia é própria dos "vagabundos"
e não de pessoas "intelligentes".

Pouco nos importa tambem,
que alguns dos nossos desanimem
e nos abandonem.

É bem verdade, que, uma ando-
rinha só, segundo diz o prover-
bio não faz verão; porém, duas
ou tres, ou quatro com esfor-
ço e vontade conseguem fazê-lo.
E assim somos nós.

Enquissimos, é certo, porém

temos vontade, e nada teme-
mos.

Ameaças, desprezos e ignoran-
cias, não nos incommodam.
Confiamos em nossos distin-
tos collaboradores e especial-
mente collaboradoras, que
saberão nos ajudar, a fim de
levarmos avante a nossa mo-
desta revista.

Não sejamos covardes.

Devemos continuar já que
dêmos começo.

Eis pois, a maneira pela qual
nos apresentamos, certos de
que não offendemos com
isto, a quem quer que seja.
Quem, com as nossas fala-
bras, se julgar offendido, cul-
pe-se comzigo mesmo pois
mostra que nada comprehen-
deu.

Aqui estamos pois.

AMORA

TIRADENTES

Era em 1792.

A noite já ia alta prestes a se findar. Ouvia-se muito ao longe o canto estridente dos gallos.

Diana, qual bella rainha do Oriente ornada com ricas pedrarias, ia no seu costumado percurso, dourando com suas chispas argentinas o immenso universo agora envoltó nas negras azas de Morphéu, sorindo às fontes que gemiam, dando aspirações aos poetas e enchendo de paixões as almas enamoradas.

Porém numa rustica casinha de Villa-Rica, todos velavam.

Quem penetrasse nessa hora, dentro daquellas quatro paredes, longe do bulício da cidade, onde só se ouvia o segredar da buza com a folhagem, viria uma scena, oh! uma scena, própria de quem tem em sua alma o verdadeiro amor patriótico!

Sim, viria reunidos em uma meza muitos homens, que conspiravam, porém, para o bem de sua pátria!

No meio d'elles, estava "Tiradentes", o nobre cabeça, que à fraca luz de um lampeão pendido no tecto, lia, em voz alta, o projecto, que d'alli ha um mez, deveria arrancar nossa pátria, das garras portuguezas.

E ao terminar, vendo com grande satisfação que Gonzaga, sacudindo seus negros e ondulados cabellos; que Alvarenga com um sorriso paternal a entreabrir-lhe os labios; que Cláudio com um dardefante olhar, acolhiam este plano, para elles tão precioso, mais que a própria vida, não notou no riso sarcástico de traheição, no riso infame de Silverio, que com um balançar de cabeça, qual vilora esfomeada a procura da pisa, fingia acceital-o; porém no seu intimo dizia: Ah! miseravel; breve lerás novamente no cadafalso!

AMORA

A reunião tinha terminado.

Cada um tomava o caminho de casa, para procurar no aconchego do ninho, o repouso de noites acordadas.

Repouso? Quem sabe?!...

Pois quem trabalha pela Pátria, não sente cansaço!

Cantos de gallos, confundindo-se com piros, agourentos de mochos e tinar de passaros, annunciavam o levante da natureza, até agora adormecida.

Phébo, erguendo-se pouco a pouco, espalhava seu virido clarão rosicler, dourando o immenso firmamento de um puro azul.

Tiradentes, a passos largos, caminhava, absorto em nobres pensamentos.

A brisa brincava docemente com suas madeixas, sussurrando nos seus ouvidos, e os passaros circulando-o, saltitavam na verde relva ovalhada.

É tão absorto já, que nem ouvia o soluçar dos regatos e o triste can-

tar dos passarinhos, que lhes digiam:

„Oh! destimido herói! Já que nasceste para ser victima do teu dedicado affecto patriótico, cumpre a tua sina.”

O dia 21 de Abril, amanheceu triste e frio. O vasto infinito, estava revestido por um espesso manto de neblinas; ~~de~~ a natureza, ha pouco tão cheia de vida, estava agora envolto no negro véu da tristeza. Os sinos dobravam constantemente a finados.

Um sol sem alento, desicava escapar de vez em quando seus fracos raios, como um ancião moribundo.

A multidão cheia de pavor enchia a praça de Lampadosa em Villa Rica, no meio da qual achavam-se os liquentes pontos dum cada-falso.

Eis que chega o retenciado. Um grito de ódio escapou dos lábios de todos e duras

AMORA

imprecações se fizeram ouvir; pois que reconheceram naquella que ia morrer.

Tiadentes, para elles o mais terrivel inimigo, escoltado por soldados da guarda de el-rei.

Condenado, no entanto, vinha calmo sem temer a morte. Ao passar por entre a multidão, gritos furiosos de: "Morte ao bandido!" repercutiram pelo espaço, indo morrer longe muito longe.....

E Tiadentes, com um brando sorriso a perpassar-lhe os lábios, subiu lento e vagarosamente ao patibulo.

O carrasco já o esperava dando-lhe a beijar um crucifixo.

E quando a corda enrolada ao pescoço, ia-o deixando sem vida, lembrou-se elle de Christo, o divino martyr do Gólgatha, e como elle disse: "Perdoae-lhes Senhor! porque

elles não sabem o que fazem.

E uma crystallina lagrima rotondu de seus olhos moribundos, não com pesar de deixar o mundo, porém de deixar sua Pátria ainda agriolhada.

A. GUEDES

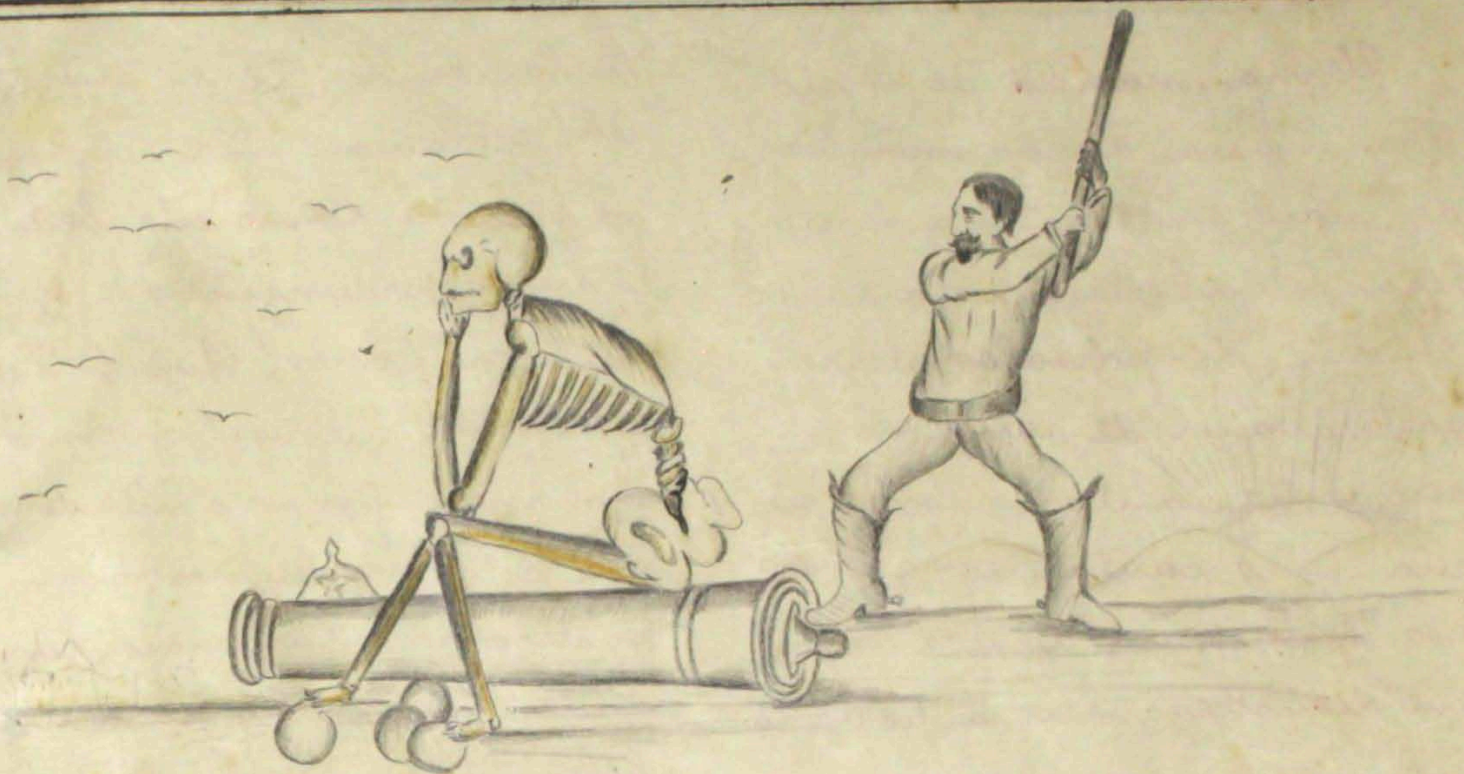


Por motivo de força maior, transferiu sua residencia para S. Paulo o Illmo. Sr. Dr. Ernesto Augusto Gomes, M. D. Commandante do Papete Estella, ancorado na bahia do sul.

Qual seria o motivo da mudança?

Dizem que foi por força maior.

A MOR A



A Alemanha em 1950

Em que deu a tua soberbia!.... Sou muito sensível.....
mas o seguro morreu de velho.

O que elle diz: (Pé'quebrado)
Só' implico com a revista:
Em botar extenso os nomes.
Disse-me um dia em conversa
O decano Ernesto Gomes.

Digo isto em segredo.
Bem baixinho e no ouvido,
Olhe que o rapaz:....
É valente e destimido!...

Lembrem-se do engrasate
Bahin; quebrou a cadeira
Fez tudo quanto foi arte

Espalhou a policia inteira
Ficou a revista em pedaços
Esvaziou-se o salão, ás carreiras!
Lipreira

AMORA

Uma manhã de maio.
Era numa dessas manhãs
de maio, em que toda a natu-
reza se embelezava para saudar
Maria. Os pássaros alegres
saltitavam de ramo em ra-
mo, enquanto ao longe ou-
via-se o cantar dos gallos
e o triste mugido dos bois,
que^{as} acouchegavam á porta da
cabana para receberem ali-
mento.

Lucindinha, depois de haver
sonhado com os anjos, levan-
tou-se alegre, e depois de ter
feito sua pequenina oração di-
se para consigo mesmo.

Vou ao jardimzinho da ma-
mãe, colher um lindo botão
de rosa para quando in to-
mar-lhe a benção, offerecer-
lhe.

Saiu alegremente, seguida de
Tupy, que pulava alegremen-

te lambendo-lhe as mãosinhas.
Ah! exclamou ella ao chegar
no jardim. Como está bello hoje
o lindo jardimzinho de mamãe.
Quantas flores! Que bellas!
Ah! bem me disse mamãe, que
em maio, por ser o mês de Ma-
ria, as flores desabrochavam ma-
is miçoras e em maior quanti-
dade! E, correndo para uma
bella roseira, disse: este botão le-
varei á mamãe, que ha de col-
local-o no peito. Que lindo!
Lindo como o amor que lhe dedi-
co! Vale ouro por ser mesmo da sua
côr!

E.... colhendo o bello e feticcioso
botão, correu alegremente para
entregal-o á sua boa mãe, jul-
gando encontral-a já entregue
á sua diária lida.

Mas.... qual não foi a sua sur-
presa, quando encontrou sua
mamãe dormindo?

Dorme ainda! Boitadinha! Dei-

A M O R A

semol-a dormir, que deve
estar cansada.

Mas..... Maria dormia eterna-
mente..... e Lucindinha nas
bellas manhãs de maio,
em vez de risos e alegrias,
já agora na polve campã
de sua terna mãesinha, le-
var as lindas rosas que co-
lhia na roseira que tanto
amava.

E. Laus.

Em agradecimento á noticia
que dêmos de sua enfermi-
dade, dirigiu-nos um delicia-
do cartãozinho, a nossa mui-
to estimada collega
Geraldina.

Soubemos a ultima hora que
o joven Piagera tomou uma
suspensão de "trois jours" - será



Honra

O desinteresse, a lealdade e a jus-
tica, estão consubstanciadas nas cinco
letras que formam a palavra "Honra".

O soldado sem honra não é digno
de pertencer às fileiras de uma
força armada destinada a defe-
sa da Pátria, das instituições
republicanas e da propriedade
pública e particular.

Nem não sabe soffrer não
sabe viver.

K. TIEPA

AMORA

Influencia do dedo na garganta.

Não sou eu caro leitor um "humorístico". Não sou eu um crítico.

Sómente a pedido de amigos faço esta, procurando propinquir-me do horrífico propugnáculo em que a prospira de tão conspícuos, respeitáveis e egrégios estudantes me honram.

O gordinho que é dos porquinhos opalino e que no pináculo da sua bôssa buxical deixa em constante pindegueria cair em carcoma venulenta os paupérrimos isagóges da graveza da sua bestialidade espirra-me pela esporta da sua espiritada espiôga da burrice em catadupas, as asneiras que embelecem a minha famulenta personagem. Entretanto sentindo no estômago umas dores na bitacula, com essa petrina tão

obvia aos casos de qualquer animalidade calhargava-lhe a broncos de seu alcantilado engenho.

ELLE, com desejos a..... (2) collocando isto é, empurrou o dedo na garganta, a fazer cócegas!

Porém a patialidade de inventar as cócegas foi com o fim de fazer rir até às portas de palhada da graveza de seu caracter crystalino, e não para

Porém tem sua razão. Agente pondo em quem nuno fez o dedo n (o ou a)..... sabe e elle pensou que na (aqui é na) também, hisse.

Eis a influencia do dedo na garganta.

Roca-os.

Fallar sem pensar é atirar sem apontar.

AMORA



Quão bello é o nome desta pequenina flor e como nos agrada o seu perfume delicioso!

Esta gracil florinha, meus prezados collegas, esconde um grande e significativo segredo entre as suas cinco aveludadas petalozinhas. Este segredo, cantador de eternas paixões, de grandes tristezas e dores, de lágrimas e até da própria morte... mas também de alegria e satisfação é o amor.

Comperteza já adivinharam o nome de tão bella florinha, não? Breio que já; por isso, vou dizer que esta flor, à que chamamos amor perfeito, é o meu ideal sincero. Amo-a e quero amal-a eternamente, não só pela sua belleza incomparavel, não só pelo seu delicioso aroma como também pelo seu doce nome e seu bello significado: "existir para ti só."

Mas, meus collequinhas, não acham deveras, o amor perfeito a mais bella das flores?

Sim! Sua forma, suas cores, seu perfume, seu nome delicado e harmonioso, que em si encerra o mais subtil gorgueio da avesinha, seu lindo significado e emfim entre estas todas qualidades bellas nos apresenta uma agradavel e simbólica lição de Botanica, que nos fará achal-a a mais bella, mais encantadora e perfeita criação da natureza.

Rehtse.

O Manamina e o seu empregado:
— Foste cobrar do Lóla?

— Sim, senhor.

— E que disse elle?

— Disse-me: vá para o diabo que o carregue.

— E que fizeste?

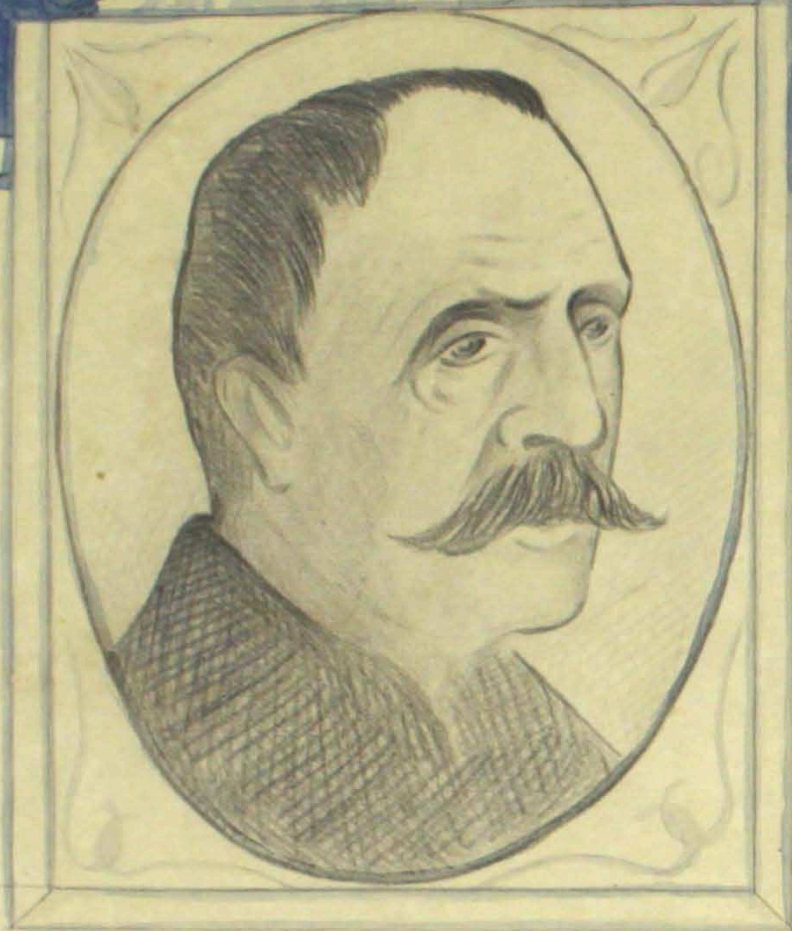
— Vim ter com o patrão.

K. Trepa.

Agora



Viva a França



Viva os Aliados

General Foch

CHEFE DOS EXERCITOS NA FRENTA OCCIDENTAL

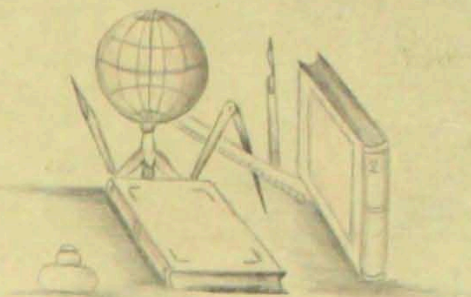
Os ultimos dias de 1916 e os primeiros de 1917 ficaram memoraveis na historia da guerra, não pelos acontecimentos desenvolados nos campos de batalha, porém, pelas subtilezas diplomaticas que tiveram lugar.

E' ainda demariado cedo para discorrer sobre ellas com inteira precisão. A 'historia assim fará'.

(Condicoes dos alliados para a paz - por Headlam)

AMORA

A ESCOLA



A escola é o fóco de onde a luz radia,
A luz que aclara os tempos e as nações;
Ora é luz que descanta, é cotovia;
Ora é scintilha de revoluções!

Por onde é que o soldado balbucia
O nome «Pátria», que enche os corações?
Onde é que nasce o amor? onde a poesia?
Onde as mais santas das inspirações?

Nã escola irrompe, em solidario affecto,
O altmístico e elevado sentimento,
Graças ao fogo, de paixão repleto,

Das lavas do vulcão do entendimento:
— « É que ha mais luz nas letras do alphabeto
Que nas constellações do firmamento! »

AMORA

Encontrando-se.....



..... Ah!... amigo..... que me
contas a respeito da tal revista
"O Normalista"? Morreu no 1.º nú-
mero? Como foi aquillo?

— Ah!... não sabes?

— Não.....

— Pois está bem; vou te contar
tintin por tintin, como se deram
os factos: Um decano da Escola
Normal, implicou com a tal re-
vistinha, dizendo que havia de ras-
gar a, ou daria queixas a uma
alta personagem do Estado. (Que

talvez não o conheça, já se vê.)

Pois bem; a revista sahio e o nosso
homenzinho nada fez.

— Mas..... porque?

— Porque? É que teve um pouco de
de..... de receio, comprehendes?

— Receio...? de quem?

— Ora de quem havia de ser? Da sua
propria alma!! Não sabes que elle
é forte espiritualista?

— Não..... mas isto não oppõe a sa-
hida do 2.º numero.....

— Sim, mas o facto é que força mai-
or assim o quer.

— Ah!.....

— Mas... julgas que os redactores d'O
Normalista se entristeceram?

— Sim é o que penso.

— Pois te enganas, meu caro; elles
são os mesmos que dirigem a "A
Hora" que como nós, em certos as-
sumptos está superior.

— Lá isto é verdade, porém o que ma-
is me interessa é saber o nome

AMORA

do professor que disse rasgar o jornal e nada fez.

— Profenor. ???!!.....

— Sim. Não me disseses que foi um decano da Escola?

— Ah!! julgas então que decano é synonymo de professor?

— Não, mas em geral, só aos do corpo docente é que podemos chamar decanos, a não ser algum empregado.

— Sim, mas o nosso heroe, o heroe das valentias e heroismos, é "alumno decano".

— Ah! já sei..... um senhor que possui uma leve corcundinha, (talvez proveniente dos estudos) ou tróra possuidor de um bello par de costellétas pretas?

— Isto mesmo, amigo.

— Pois bem; o conheço lá ha muito tempo; vejo que tens razão em chamar-o decano.

— E toda. (até 15)

(Piléa)

Em caminho da cidade



Um dr. natural do Itajubá Assis, que vem á Capital fazer a defeza de seu collega — o "Gordinho", accusado pela revista "O Normalista". Sabemos que o M.D. Commandante do paquete "Estrella" — Sr. Dr. Ernesto Augusto Gomes, offerecerá ao illustre advogado um faustoso banquete. Boa viagem ao illustre advogado e absolvição do sr. Gordinho, é o que desejamos.

Piléa.

DORE ALEGRIA

Por entre nuvens densas e cinzentas, um Sol triste, deixa transparecer seus pallidos raios, que procuram escalar a neve, que se estende por grande parte da terra, repulando os longos bosques.

As extensas estradas da villa, frias e tristonhas de vez em quando, permanecem num excessivo silencio. O vento emavecido, desafia a intrepidez dos peregrinos, que tentam atravessar aquellas paragens.

Mas, um jovem soldado, passa pelas estradas desertas, para chegar ao seu alva cento casebre, situado ao lado dum pittoresco valle. Na sua physionomia tranquilla, resplandecem olhos negros, mais negros, do que o manto sublime que envolve o firmamento, quando o rei do dia, envia a terra os ultimos raios, e

some-se por detraz das almofadas de velludo verde.

O vento, lhe vae, agitando as roupas, e as lembranças passadas, lhe vão apparecendo no cerebro.

No casebre, cingido de neve, ouve-se os lamentos d'uma alma completamente afflicta.

Os sons desses lamentos, sahem por uma janella aberta, que bate fortemente e confundem-se no espaço.

Inegligentemente o dia adormece e resurge uma noite medonha.

Dos altos montes, desprendem-se de espaço a espaço, enormes avalanches, que vão destruindo tudo na sua passagem.

Só o roncar do vento, como o ressonar d'um gigante, e com uma altivez igual a de

AMORA

Bérbero guardando orgulhoso às portas do inferno, triumphava naquelle sitio, que o calor o desfezera.

No caminho esbranquiçado, o jovem soldado, atira-se com freqüência, saltando sobre os montes de neve e lançando os olhos pelo espaço confuso. O soldado, já esquecido dos elogios que muitas vezes lhe fizeram, e do rextintim das espadas no campo da lucta, só tinha um único pensamento: chegar á casa, e descansar alegremente entre os sorrisos ternos e os amplos confortantes d'uma boa mãe. A tres annos, que elle não a via e também não pisa va aquellas estôadas.

Os seus passos adeantavam-se e sobre a sua cabeça, alargava-se um céu, sem vida e sem luz.

Tudo dormia.....

Em casa, a mãe, já muito velha, com a cabeça a tremular de frio, pensa no único fi-

lho. São palavras maguadas, pronunciam aquelles labios sem cor. O ruído do vento gélido, lhe entra na alma, como um phantasma que lhe conta maravilhosos factos e que lhe faz, as lágrimas ardentes como gottas cristallinas de ewalho, correrem pelo rosto magro e descorado.

O phantasma do vento não acaba de lhe falar: conta-lhe a historia da guerra maldita, que arrastou os homens, a beberem gotta a gotta o sangue dos seus semelhantes, para saciarem a sede da vingança, e diz-lhe mansamente no ouvido: «Não chores, porque o teu filho, já dorme em baixo da neve, nas estôadas longinquas de nossa villa.

«Que vento! Oh! Deus meu! porque me fazeis acreditar na sua voz tão mysteriosa? dizia a pobre, entrecortada de soluços.

AMOR

Se tudo o vento falava...

Com os compassos da guerra

myrtilosa, a hoste mãe, alvia e

pechava os olhos assombrada.

Ahi, no canto escuro do apertado

um rubro diaphano haecce querel

afacat-a e enão os seus olhos,

que estão caçados de o fixar, se

peham. Ahn sustiu histe, harte

de sua alma, ja quasi morta e por-

fundiu-se com o vento, e amos

a correr pelo universo, pelas saas

peito sequecho dos loques, odestos

set a neve.

Esta manha tudo era neve.

Soldado distante do lar, apenas,

for um dez metros, via-se de

comtamente.

A sua aldeia o habitante

ainda dormem. Em sua casa

um cão caustico, e a rigara e

guardava silencio, sem dar maior

alarme, mas ao ver o altopi-

mar-se da casana, saliu com

grande alegria, que acordou a

hoste mãe, que se fez uma ca-

deira dormia.

A histe mãe, abiu os olhos

e dirigiu-se penaltira a sala, que

estava muito escura.

Ahi, com as mãos desca-

maxas, a lanetta.

que transformacão em seu

sentante. O riso ao ver a neve

seu e exprime o que a alma

he dizia: algumas palavras con-

selantes, bastava para curar

todas as amarguras da hoste

mãe.

Mua a regua indisciplinada, aho

dever-se da guerra de guerra.

Seu de pois, a mãe do istola do

offerecia um sangue a todas

os aldeões, em honra ao gaur

de pativola. To o estado de

meio do festim, so no momento

palavras de patriotismo, de

saõ como os seus santos, emri-

ades, à patria querida.

Calandina Prognosi.

O homem é mais desgastado pela

calaca do que pelo coracão

AMORA

21 de abril

Oh! bello e triumphante dia!

Como amanheceste risoubo e cheio de graça, mostrando ao povo o grande valor que encerras. Fizeste bem, pois assim acordaste a memória daquelles que pensavam passar despercebido este importante dia; mas, quando dirigiram seus olhares para a natureza, admirados, fizeram como que uma interrogação: - Porque te apresentasse hoje tão cheia de gala?

No mesmo instante pareciam que liam em frente, escripto com letras d'ouro a seguinte sentença: - É hoje o memoravel dia 21 de abril, dia em que deu-se a inesquecivel morte do grande patriota brasileiro José Joaquim da Silva Xavier. Mas, para ficar bem gravado nos corações daquelles

que sentem um verdadeiro amor pela nossa Patria, vou fazer uma descripção, embora não saiba exprimir bem os soffrimentos desse glorioso martyr. Eis-a: - A manhã de 21 de abril de 1792, foi uma das mais bellas que houve no decorrer daquelle mês, pois, parece que todos os encantos da natureza reuniram-se para apresentarem-se neste dia. O céu de um casto azul, onde não deixava dissipar a mais leve nuvemzinha, que viesse desfazer a sua irreparavel cor, sustentava o astro-rei, que parecia uma immensa bola fixa no firmamento. A suave correnteza do vento, balouçava as lindas flores dos soberbos jardins e a vegetação agreste, fazendo um murmurio semelhante ao approximar-se das ondas ás praias, para receberem dellas

AMORA

os seus beijos quotidianos.

Por sua vez os passaros tam-
bem quizeram tomar parte,
saltando os seus trilhos, para
com esses, saudarem o grande dia!
De um lado via-se o riso a
espalhar-se por toda a nature-
za, e de outro, a dôr a invadir
os corações dos brasileiros, em
presenciarem uma das mais
horríveis scenas passadas no
nosso Brasil. É justo que tal
succederse, pois em uma das
principaes praças de Villa Ri-
ca, em um rústico cadafal-
so estava um homem de esta-
tura mediana, deixando cair
sobre os amplos hombros lin-
das madeiras, que contribuiam
para o seu aspecto sombrio e
calmo, mas ao mesmo tempo
digno de admiração.

O seu meigo e innocente olhar
era dirigido unicamente pa-
ra um humilde crucifixo que

sustinha ao pescoço. Este ho-
mem de quem nos falo é o
grande José Joaquim da Sil-
va Xavier, alcunhado o Tira-
dentes, que, junto ao Christo cru-
cificado, trazia a maldita cor-
da do carrasco, que o fez partir
deste mundo para o outro.

Mas o seu martyrio não es-
tava terminado; para mais
o castigar, espetaram-lhe a ca-
beça em um poste e espalha-
ram-lhe seus membros pelas
ruas da cidade.

Esta morte tão injusta deveria
ser trocada por flores e alegrias
pois elle era digno das mais
altas homenagens.

Collegas! não esqueçamos ja
mais a gloriosa data
21 de Abril.

O. Medeiros

AMORA

Pleno oceano.....

A. A. Guedes

O Sol declinava no horizonte!.....

O mar estava manso, um pouco sacudido pelo nordeste.

Carlos entregou o leme ao 1º piloto e dirigiu-se para a ré.

O sol só se tinha encoberto pela metade.

Carlos sentou-se na popa a apreciar as ondas semi-vermelhas e..... contemplando-as, lembrava-se da sua família, da sua mãe, de seu pai e..... de Maria e sentia.....

..... Gilberto por sua vez sentado no passadico lembrava-se de seu pai e sua mãe ambos abandonados e..... chorava.

Porém o manto lugubre e tristomho da morte, tomou a si os protagonistas desta peça, que nos faz lembrar os quatro ver-

sos, em que os dedos do artista mostram a sua competência.....

„O pranto então jorrou-me em ondas”
„Desistir quem podia?”

„Chorava ^{na} ~~uma~~ ilusão em cada conto”
„Chorava em cada conto uma.....
..... saudade.....

e.....

Que habil composição esta!
E..... como uma apothéose que se levanta após a peça a este navio de largas velas e longo penacho de fumo substituiu durante a noite as luzes esbranquiçadas dos pharôes que, como si comprehendessem denunciam sobre o Atlantico uma luz morta.

Aquella luz substituiu a palavra do dia que era

Saudade.

Carlos pensava! Gilberto chorava!
(Extrahido do conto: O naufrago do Paris)

Roca.

A M O R A



Vendem-se
em leilão:



A escala do desenho da Nini
A distração do Celso.
O genio do Bollmann.
A paixão do Piaçera
A applicação do Gorducho
Os óculos da goé
A cabellera da Ada.
A briga da Alice com o Bollmann.
Os estudos da Arminda
A acha de lenha do Celso
O namoro do Gorducho.
A ida da Nini e Theresia pa-
ra o Grupo de Tubarão.
A coragem da Bugrinha
em cortar o dedo.
Os nervos da Esther.
A amizade do Celso pela Nini
A sympathia da Oswaldi
na febo club martinelli.

As pancadas que a Nini apanha
As cólicas do Gorducho.
E muitos outros objectos que
deixámos para o proximo mu-
nero.

AVISO

Tendo-se retirado de nossa redacção
os srs. Celso Silveira e Jayme
Silveira, por motivo não justifi-
cado, fica "A Hora" sob a
d direcção dos únicos responsa-
veis:

Egydio Abbade Fereira
e

Alino Vieira Corte